

Folha 3

■ REALITY

A Fazenda é tão trash na rede quanto na TV. **PÁG. 3**

■ MÚSICA

Crítico fala sobre o novo disco de Zélia Duncan. **PÁG. 4**



■ LIVRO

Rodger Klingler e o

submundo

IURI GOMES
REPORTAGEM LOCAL

A capa do livro é rosa-choque e há umas linhas brancas, umas giletas e a foto de um sujeito que, pela fisionomia, é gringo. A leitura parece começar do ápice, de uma cena que mais parece um filme descrito em primeira pessoa e rico em detalhes. É possível visualizar a personagem e todo o clima tenso do ambiente:

“— Dobrar pra frente, gringo! Afastar as pernas e abrir as nádegas. Era véspera de Natal, dia 24 de dezembro de 1984, o dia ainda não havia terminado. Pouco antes da meia-noite.”

O livro Memórias do Submundo (Best Seller, 384 páginas) traz uma história underground, suja e sem floreios de um alemão que tenta sair do Brasil levando um quilo de cocaína. O alemão em questão é o autor, Rodger Klingler. Com um sotaque extremamente carregado ele liga da Alemanha para explicar ao Folha 3: “Essa livro eu escrever sobre o que passei em Brasil. Tive que cortar partes. Disseram que era pesado”, revela sobre o tema que aborda. E ele liga para a imprensa nacional não à toa: a sua entrada no país para os trâmites do lançamento, há dois anos, foi proibida.

O tema em questão é o submundo das drogas, especificamente da cocaína. Klingler narra as peripécias de quando esteve no Rio de Janeiro na década de 1980. Como muitos que moram fora, ele trazia uma imagem idealizada do país — imagem essa que não mudou: “No Rio, até mesmo minhas expectativas mais usadas foram superadas. Era exatamente como eu havia imaginado, incontáveis vezes, na longínqua Alemanha”, revela no livro.

Rodger Klingler saiu de

casa aos 15 anos e logo aprendeu a cozinhar. Ganhava a vida assim, e tinha em mente conhecer o Brasil. Aos 18 anos veio a primeira vez ao Rio de Janeiro, e a intenção era não mais voltar ao seu país de origem. “Pensar assim é um privilégio da juventude: não planejar nada e ver o futuro de modo otimista”, escreve. Em Copacabana ele conhece um alemão fracassado chamado Volker, e aí pode-se dizer que começa o inferno de Klingler: o contato

TEMA

Em questão o submundo das drogas, especificamente da cocaína. Klingler narra aventura no Rio nos anos 80

com a cocaína.

E o pior é que ele tinha consciência do mal que as drogas podem fazer. Um pensamento moralista baseado em histórias com a de Christiane F., e os viciados esfarrapados que circulavam perto da estação ferroviária de onde ele nasceu e até então morava, Nuremberg. “Drogas — era uma coisa que não se devia começar a consumir, em hipótese alguma. Na minha opinião era o caminho direto para a desgraça”, diz ele.

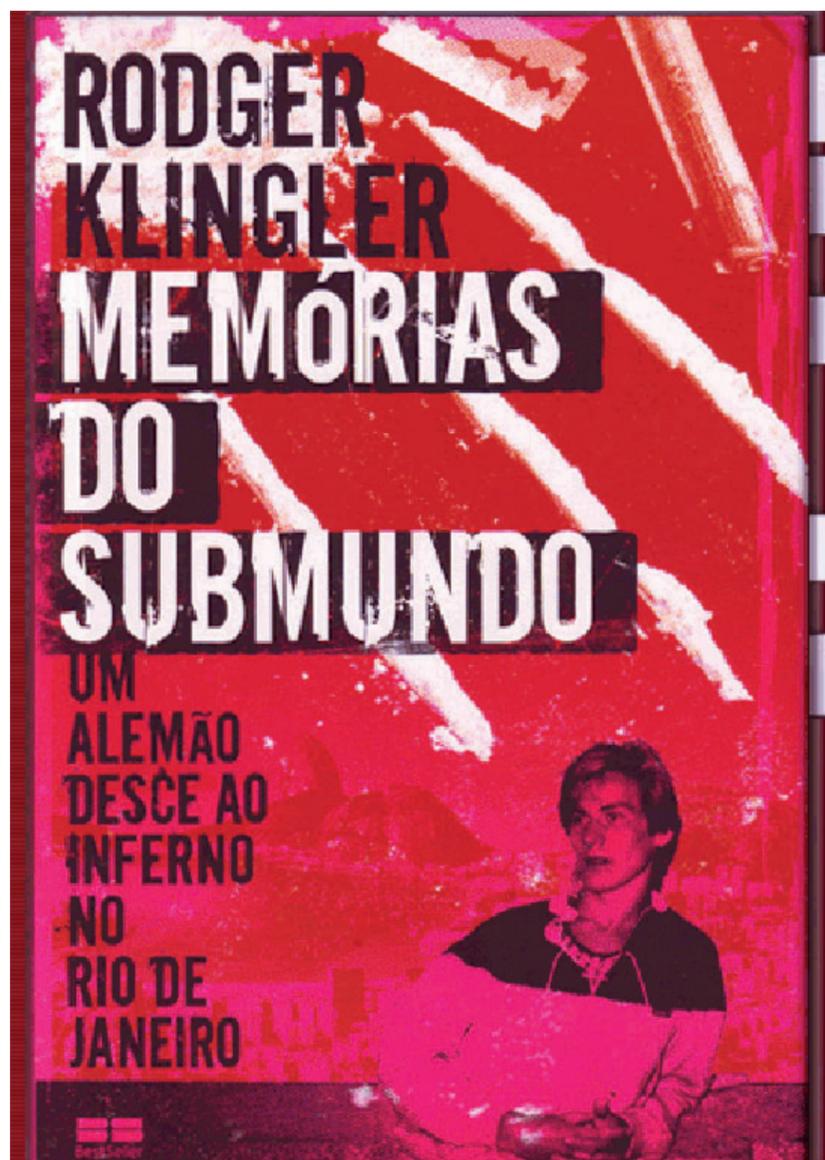
Porém, ele experimenta a cocaína junto com Volker e mais duas garotas. A excitação foi enorme, e a partir daí ele sabia que a ideia de morar no Brasil e aproveitar os cartões postais que ele tanto imaginava mudou completamente. Ele já volta para a Nuremberg com uma ideia na cabeça: comprar um quilo de cocaína de contrabandear para a Alemanha.

Passados três anos do primeiro contato dele com a droga, ele volta decidido a realizar a façanha. Na segunda viagem ao Brasil ele tratou de conseguir nomes e locais onde poderia comprar as drogas, e na terceira e definitiva viagem, ele já viria para ficar o mínimo de tempo possível. Porém, as coisas não saem tão bem como o planejado, e aí submundo perde o glamour eufórico que a droga proporciona e ganha cores acinzentadas.

Denúncia

O texto de Rodger Klingler não é lá dos mais inovadores ou mesmo atraentes. O que prende a leitura é a história. As agruras que ele passou são descritas de forma visceral, sem rebuscamentos estéticos. A descrição da “revisita corporal” logo no início do livro sugere um pouco do tom que permeia o restante do livro: fisionomias feias, situações incomuns, drogas e prostituição. Mas tudo com um humor que passa despercebido em meio à narração carregada de tons reais — como o encontro com o delegado que ainda tinha restos da cocaína pura apreendida nas narinas.

Mas além de uma história de aventura de um turista alemão que se mete a traficante — e soa até como paródia do garoto branco que quer ser rapper ou fazer parte do gueto —,



Memórias do Submundo traz um quê de denúncia, fala sobre vendas de fugas, tráfico de influência e de drogas, e até dos crimes acontecidos dentro dos presídios. Não deixa de remeter a um outro best seller, “Meu nome não é Johnny”.

Um detalhe interessante: se Klingler tivesse US 2.000,00 (dois mil dólares) ele não seria

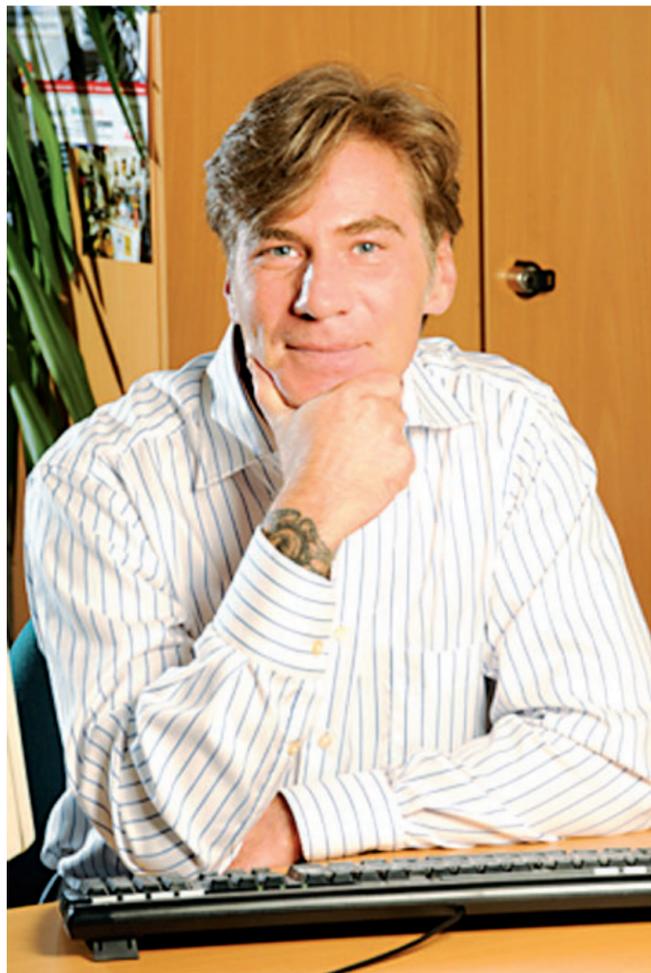
preso. A prisão, aliás, ocorreu não porque ele estava coma droga no casaco, mas por não ter esse dinheiro para dar ao funcionário da alfândega. Se ele tivesse o dinheiro ele não teria passado pelos presídios cariocas de Água Santa, Galpão e Lemos de Brito,

Toda a desventura de Klingler não traz rancor ou arre-

pendimento. Ele usufruiu da ideia Carpe Diem ao extremo, mesmo que tenha custado um preço amargo.

Serviço

Livro Memórias do Submundo, de Rodger Klingler. Editora Best Seller, tradução de Elena Gaidano, 2008. ASDBN



Mesmo com tanta desventura, ninguém pode dizer que ele não ‘viveu’



O alemão Rodger Klingler em foto panorâmica, no Rio de Janeiro, em 1984. Foi nessa época que decaiu na vida